

Kissinger e a China

Carlos Gaspar | *Diário de Notícias* | 1 de Dezembro de 2023

Henry Kissinger foi o responsável norte-americano pela negociação que tornou possível normalizar as relações diplomáticas entre os Estados Unidos e a República Popular da China e transformou a balança do poder na Guerra Fria.

Em 1969, Kissinger toma posse como Conselheiro de Segurança Nacional do Presidente Richard Nixon, cuja prioridade é pôr fim ao ciclo de expansão que culmina com a intervenção na Guerra do Vietnam e criar um quadro de estabilidade nas relações externas indispensável para restaurar a preeminência dos Estados Unidos. Kissinger tem a fórmula necessária para reinventar a política externa norte-americana num novo ciclo de retraimento estratégico: os Estados Unidos devem criar um "triângulo subtil com a China comunista e a União Soviética" para "melhorar as nossas relações com os dois e pôr à prova a vontade de paz de ambos".

A chave da viragem está em Pequim, onde o Presidente Mao Tsetung e o Primeiro-Ministro Zhou Enlai estão preparados para convergir com os Estados Unidos, a única forma de conter a ameaça do "social-imperialismo" soviético. Moscovo procura um pretexto para destruir as armas nucleares chinesas e os incidentes na Manchúria e no Sinkiang entre as forças armadas das duas potências comunistas confirmam os riscos de escalada. Nesse contexto, convidam Kissinger para ir secretamente à China.

Em Pequim, durante 17 horas, Kissinger negocia com Zhou Enlai os termos do **rapprochement** entre os dois velhos inimigos. Washington está preparado para criar as condições necessárias para Pequim ocupar o lugar da China no Conselho de Segurança das Nações Unidas e para tratar da "questão de Taiwan", que está no centro das relações entre os Estados Unidos, garantes da sobrevivência do regime nacionalista chinês na ilha Formosa, e a República Popular, determinada a integrar Taiwan para completar a reunificação do Estado chinês.

O momento decisivo é a visita de Nixon à China, a primeira de um Presidente dos Estados Unidos. O convite chega em Junho de 1971, e Kissinger interrompe um jantar oficial para dizer a Nixon que se trata da "comunicação mais importante que chegou a um Presidente norte-americano desde o fim da II Guerra Mundial". Logo a seguir, o Embaixador soviético transmite a Kissinger o convite do Presidente Leonid Brejnev para Nixon ir a Moscovo. Nas palavras de Kissinger, "ter as duas potências comunistas em competição para melhorarem as relações conosco só pode beneficiar a paz. É a essência da estratégia triangular".

Em 1972, os Estados Unidos conseguem, na expressão de Kissinger, "três em três": Nixon vai à China em Janeiro, está com Brejnev em Maio e, em Outubro, Kissinger fecha o acordo sobre a retirada norte-americana do Vietnam com Le Duc Tho, em Paris. Em Shanghai, no fim da visita de Nixon, as duas partes assinam um comunicado conjunto que inclui a fórmula de Kissinger para contornar a "questão de Taiwan": "Os Estados Unidos constatam que todos os Chineses dos dois lados do Estreito de Taiwan consideram que só há uma China e que Taiwan é uma parte da China. O Governo dos Estados Unidos não contesta essa posição e reafirma o seu interesse numa resolução pacífica da questão de Taiwan pelos próprios Chineses".

Essa fórmula é o legado de Kissinger. Cinquenta anos depois, continua a ser a referência obrigatória nas relações entre as duas principais potências internacionais, mesmo quando, segundo o velho estadista, os Estados Unidos e a China estão perto da guerra, "sem nenhuma ideia sobre onde isso os pode levar".

<https://www.dn.pt/opiniao/kissinger-e-a-china-17428370.html>